

A “tal da estabilidade”

Bernardo Neves Pantaleão | Adrja

Colegas de BC,

Meu nome é Bernardo Pantaleão, sou analista aqui do Banco e ingressei no último concurso, tendo recém alcançado a “tão sonhada estabilidade”.

Não assino a Rionet, nem a Starnet, nem qualquer outra rede de funcionários do Bacen. Em todo o caso, por sugestão de um grande amigo aqui do Banco, estou fazendo uso desses instrumentos para apresentar um caso e divulgar um texto que escrevi.

Na última semana, convidaram-me para participar de uma reportagem sobre o ganho da estabilidade aqui no BC, que seria veiculada nos instrumentos oficiais de comunicação. Aceitei prontamente, perguntando apenas se era esperado um discurso institucional, com muitos elogios – situação em que teria de declinar o convite – ou se poderia responder abertamente, sem agressividade ou incorreção, porém com toda a honestidade. Responderam-me que se esperava exatamente uma resposta franca e pessoal, sem críticas injustas e agressivas, mas com espaço para opiniões que gerassem reflexão.

Empolguei-me e comecei a escrever um texto sobre minha, até o momento, curta trajetória no BC. Gostei muito da experiência e vi que estava me prolongando, então entrei em contato para saber se haveria um limite para o tamanho do texto, fato que foi negado, salientando-se que, evidentemente, em função do espaço reservado para a matéria, talvez ele não pudesse ser publicado na íntegra, o que compreendi perfeitamente.

Finalizado o texto, enviei-o junto de um pequeno resumo que poderia ser utilizado na reportagem. Conversando com o amigo que sugeriu o envio para as redes informais do Banco, vi que o texto na íntegra dificilmente seria publicado, tanto por seu tamanho – apesar de um hiperlink ser facilmente criado –, quanto por seu conteúdo – um pouco informal demais para os meios institucionais.

Conforme esperado, disseram-me que não seria possível publicá-lo integralmente, o que entendi – de fato, ele é grande e “subjetivo” demais –, mas que o resumo faria parte da reportagem da maneira como foi enviado. Publicada no dia 26/08, fiquei surpreso quando vi que o resumo foi um pouco “resumido” – não vi problema nisso, mas sim no fato de não ter sido avisado sobre isso.

Sem todo o espaço que eu, espaçoso, buscava nos meios institucionais, faço uso dos outros meios existentes. Seguem meu resumo e o texto na íntegra para que possam ler e refletir, opcional e informalmente, é claro.

Resumo: “Esses três anos foram apenas o começo de nosso tempo por aqui. Para alguns, esse tempo será curto, para outros, serão mais muitos e muitos anos – e reformas – até a aposentadoria. Em todo o caso, já se passaram três

anos. A nossa estabilidade funcional é um mero detalhe. Continuarei fazendo o meu trabalho da mesma maneira e me comportando do mesmo jeito. Devemos trabalhar e, algumas vezes, torcer é para que haja estabilidade no ritmo de implantação das melhorias organizacionais. Isso sim seria razão para comemoração. Na verdade, até hoje, não entendi muito bem a razão dessa “tal de estabilidade”. Na prática, já somos todos estáveis desde o momento em que tomamos posse, a não ser que façamos algo muito errado (espero que dizer isso não se enquadre nessa categoria). Ah, mas aí as demissões podem ser usadas para pressionar, perseguir e punir alguém injustamente. Não me convence: a garantia da justiça não deveria depender de benefícios, regalias e exceções. Muito pelo contrário, o combate à impunidade depende do fim dessas exceções e da igualdade de todos perante a lei.”.

Três anos de BC: a estabilidade é o de menos!

Nunca tinha imaginado que meu primeiro emprego “oficial” – já tinha feito algumas pesquisas com professores e dado aulas particulares durante minha graduação – seria no serviço público. Ao longo de toda a minha adolescência, li e ouvi sobre o estereótipo das repartições públicas e, apesar de minha mãe também ser servidora, nunca me interessei por concursos públicos. Meu sonho sempre foi ser um empreendedor de sucesso ou um administrador de alto nível de uma empresa eficiente e lucrativa, precisando tomar decisões complexas, participar de grandes negócios, buscar a maximização da produtividade e liderar e motivar meus funcionários. Parece literatura de aeroporto – “Quem mexeu no meu queijo”, “Como ser um líder blá blá blá”, etc. – mas eram apenas os sonhos de um graduando em Administração de Empresas bastante idealista.

Com o tempo, no entanto, nossas ideias mudam, ou, ao menos, precisam ser adaptadas à realidade e a outros interesses. Ouvir as experiências em estágios de alguns colegas de turma; ver as dificuldades enfrentadas por meu pai durante um longo período desempregado; valorizar mais o bem-estar e a vida fora do trabalho; verificar que, cada vez mais, havia gente buscando ingressar no serviço público; e, por fim, ter minha própria experiência como estagiário contribuíram muito para isso. Além disso, constatar que, na iniciativa privada, eu levaria um bom tempo para alcançar a remuneração inicial do cargo de analista do Banco Central – se é que alcançaria –, que o caminho até lá poderia prejudicar muito meu bem-estar fora do trabalho e que a “estabilidade” profissional talvez dependesse de muita “instabilidade” na vida pessoal, foi determinante para que eu, antes do final da faculdade, começasse a estudar para o concurso do BC de 2010.

Com o resultado em mãos, só dependia de mim frequentar o curso de formação e tomar posse. As dúvidas, entretanto, ressurgiram. Teria que me mudar do Rio, ficar longe de minha família, abandonar o mestrado recém-iniciado, abrir mão – ou, ao menos, adiar – uma possível carreira acadêmica e encarar uma dissonância cognitiva braba, porque, apesar de tudo o que foi dito no parágrafo anterior, o idealismo do primeiro ainda existia e era bem forte. A indefinição de minha lotação – Belém ou Brasília – gerou ainda mais dúvidas.

Resolvi ir a Brasília para o curso e aguardar o resultado final do concurso, já com a definição de minha praça de lotação, para tomar minha decisão final.

Saiu Brasília! Bem mais perto do Rio e com mais opções de voo a preços mais em conta. Estava decidido. Dois outros fatores pesaram muito também: a possibilidade de me licenciar para cursar mestrado e doutorado e as apresentações feitas durante o curso de formação. Mesmo sendo parte da Administração Pública Federal, o BC apresentava-se como um polo de excelência, que, com uma força de trabalho competente, buscava adotar práticas modernas de gestão. Evidentemente, ainda havia problemas e desafios a serem superados, mas a possibilidade de contribuir para esse processo de melhoria organizacional dentro do serviço público animou-me. Quem sabe não seria a chance de mostrar que o estereótipo tradicional estava errado ou que, ao menos, poderia ser mudado?

Chegando em Brasília, fui lotado no Decop (atual Degef), departamento que auxilia os demais da Fiscalização a realizarem o planejamento e o acompanhamento de suas ações e a gestão de seus projetos e sistemas de TI. O ambiente era excelente, as pessoas receberam os novos servidores super bem e, após algum tempo, o trabalho tornou-se bastante interessante e desafiador. Evidentemente, havia alguns pontos que poderiam ser melhorados, mas havia espaço para isso. Foram-me dadas autonomia e possibilidade de propor melhorias. Obviamente, algumas vezes, as mudanças não ocorriam no ritmo que eu desejava, outras vezes, a forma e o como fazer pareciam mais importantes do que o conteúdo e os resultados almejados, mas era possível perceber que se estava avançando. Aprendi muito sobre diversas coisas (assuntos da fiscalização, relacionamento profissional, virtude da paciência, modelos de planejamento e acompanhamento...) e agradeço muitíssimo a todos com quem trabalhei.

Sem dúvida alguma, os dois anos e quatro meses em que fiquei em Brasília permitiram que eu amadurecesse muito, tanto na vida particular (morando com minha noiva, longe do resto de minha família), quanto no lado profissional. Por razões pessoais, entretanto, inscrevi-me na mobilidade e tive a sorte de ser selecionado para voltar ao Rio em junho de 2012, na última convocação dos aprovados no concurso de 2010. Passei mais alguns meses em Brasília, pois estava participando de um projeto importante, e cheguei ao Rio no início de 2013.

Aqui no Rio, mais uma vez, fui super bem recebido pelos servidores. Atualmente, trabalho na Coordenadoria de Licitações e Pagamentos, exercendo a função de pregoeiro, aqui na Gerência Administrativa. Não tenho dúvidas de que as tarefas são mais burocráticas do que as que eu desenvolvia em Brasília. Isso é da natureza do processo de pagamentos, elaboração de editais e contratos, condução de pregões e preparação de prorrogações e repactuações contratuais. Com certeza, há muito o que se fazer para tentar melhorar essas atividades, mas, para que algumas mudanças sejam aceitas, são necessárias alterações em manuais, regulamentos, instruções e, até mesmo, leis. Em todo o caso, é possível acreditar em melhorias, visto que há bastante espaço para isso.

Esses três anos passaram rápido – desculpe o clichê, mas foram apenas sete parágrafos – e a estabilidade é um pequeno detalhe. Na verdade, até hoje, eu não entendi muito bem a razão dessa “tal de estabilidade”. Na prática, já somos todos estáveis desde o momento em que tomamos posse, a não ser que façamos algo muito errado (espero que escrever um texto desses não se enquadre nessa categoria). Além disso, se o governo precisar reduzir de tamanho para não virarmos uma futura Grécia ou Espanha, por que impedi-lo de arrumar a casa? Ah, mas aí as demissões podem ser usadas para pressionar, perseguir e punir alguém injustamente. Não me convence: a garantia da justiça não deveria depender de benefícios, regalias e exceções. Muito pelo contrário, o combate à impunidade depende do fim dessas exceções e injustiças e da igualdade de todos perante a lei.

Perdi-me na divagação, peço desculpas, mas reitero que a estabilidade não faz diferença, ao menos para mim. Continuarei fazendo o meu trabalho da mesma maneira e me comportando do mesmo jeito, sempre tendo por objetivo simplificar processos com “foco em resultados”.

É evidente que o BC está acima da média do serviço público, mas ele não tem e, provavelmente, nunca terá a estrutura e os processos de uma empresa privada: para o bem e para o mal. Enquanto estivermos aqui, precisamos entender isso e dar o melhor de nós para melhorar o que for possível, conciliando qualidade de vida com resultados e fazendo jus à nossa folha salarial anual de R\$ 1 bilhão – R\$ 2 bilhões, contando aposentados e pensionistas. Há muito o que ser feito!

Há áreas/servidores ociosos e áreas/servidores sobrecarregados. Há atividades e projetos para serem desenvolvidos e outros para serem repensados, reformulados e/ou descontinuados. Há tarefas que podem ser descentralizadas ou realizadas remotamente. Há servidores subaproveitados que poderiam e estão dispostos a entregar muito mais para a sociedade. Há muitas práticas burocráticas e cartoriais que poderiam ser simplificadas ou, simplesmente, extintas. Há conhecimento que precisa ser sistematizado e disseminado. Há estruturas que precisam ser repensadas. Há espaço para aumentar a quantidade de técnicos em comparação com a de analistas. Há uma grande luta por maior autonomia que precisa ser travada por todo o BC!

Nada disso que eu escrevi diminui ou desmerece todas as conquistas dos últimos anos e, de acordo com as conversas com colegas mais antigos, elas foram muitas. Mas nós, que estamos completando três anos de BC agora, vimos os avanços apenas desse período e, portanto, queremos muito mais. Que isso não seja visto como uma simples crítica, mas como um incentivo ao debate construtivo e reflexivo entre todas as pessoas do BC. Esses três anos foram apenas o começo de nosso tempo por aqui. Para alguns, esse tempo será curto, para outros, serão mais muitos e muitos anos – e reformas – até a aposentadoria. Em todo o caso, já se passaram três anos. A nossa estabilidade funcional é um mero detalhe. Devemos trabalhar e, algumas vezes, torcer é para que haja estabilidade no ritmo de implantação das melhorias organizacionais. Isso sim seria razão para comemoração.”

